

ESTUDO DA ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO A PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO VERBAIS E NÃO VERBAIS DE SUJEITOS AFÁSICOS *

Lúcia Aparecida de Campos SCISCI

RESUMO *Esta Dissertação de Mestrado trata do estudo da atribuição de sentido, em situações discursivas vivenciadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA/ IEL/FCM-UNICAMP), a processos¹ de significação verbais e não verbais dos sujeitos afásicos envolvidos em episódios interativos, de que participam afásicos e não afásicos. Trata-se de um estudo que toma o sujeito afásico como um sujeito pragmático, ou seja, falante de uma língua natural que partilha uma série de pressupostos com os demais sujeitos que compõem uma comunidade lingüística/discursiva (Maingueneau, 1989), a despeito do fato de ter, abruptamente, a linguagem afetada pela afasia. Esta pesquisa analisa o trabalho lingüístico-cognitivo produzido/interpretado pelos sujeitos participantes desse grupo. Tem-se como hipótese que afásicos e não afásicos - que convivem sistematicamente - partilham de conhecimentos mútuos (verbais e não verbais), dos quais lançam mão para a determinação do intuito discursivo², em situações interativas, o que abre ao sujeito afásico a possibilidade de compreender e se fazer compreender, condição para se manter como sujeito da e na linguagem.*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 25 de junho de 2004, orientada pela Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry.

¹ A formulação *processos de significação* (Coudry & Possenti, 1983; Coudry, 1986/86) vem sendo estudada pela abordagem discursiva de Neurolingüística desde os primeiros trabalhos sobre afasia e tem como motivação teórico-clínica o fato de a afasia envolver em sua manifestação tanto processos verbais quanto não verbais. Em outras palavras, a afasia afeta a linguagem, a práxis e a relação com o corpo e a percepção. O sujeito afásico pode, às vezes, não conseguir manifestar-se verbalmente, mas pode conseguir fazê-lo por meio de gestos, desenhos, objetos, enfim, de recursos não verbais, na tentativa de interagir, de comunicar-se, de entender o que o outro diz/faz/pede/sugere, etc. Outros sujeitos afásicos precisam falar em voz alta enquanto realizam ações que envolvem objetos, tendo a linguagem nesse contexto, como já apontou Vygotsky (1984) para o desenvolvimento da linguagem, um efeito na organização das ações.

² Segundo MIKHAIL BAKHTIN (1992), o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do falante, que determina o *todo* e a *amplitude* do enunciado, é captado, sentido, compreendido pelo ouvinte em qualquer enunciado, vinculando-se à situação única da comunicação verbal, marcada por parceiros individuais, circunstâncias individuais e enunciados anteriores.

APRESENTAÇÃO

A perspectiva discursiva focalizada nesta Dissertação leva em conta fatores lingüísticos e ântropo-culturais (ou exterior discursivo), seguindo a tradição teórico-metodológica dos estudos que incorporam o sujeito em suas preocupações, ou seja, estudando a linguagem pública, utilizada por sujeitos que compõem uma comunidade de falantes de uma língua natural, em diversas situações pragmáticas, com diversos propósitos e em vários registros vernaculares, todos legítimos. Fazem parte desses fatores os que conjugam - no processo de atribuição de sentido - as imagens recíprocas entre interlocutores e sobre o referente - o *o que* e o *como* se fala - postas e implícitas na conversação, onde se produzem e se interpretam processos de significação. Nesse ponto, tal abordagem discursiva da afasia tem sua origem em pressupostos da Análise do Discurso³ desenvolvidos por Osakabe (1979).

Escolha do tema Todo o interesse pela problemática do sujeito afásico⁴, aliado à disposição para desenvolver estudos que pudessem auxiliá-lo de alguma forma, levaram-me a optar pelo caminho de pesquisa explicitado nesta Dissertação.

Assistindo a sessões semanais e gravadas em vídeo do Centro de Convivência de Afásicos, percebi situações em que as pessoas se entendem por vários recursos que não os essencialmente verbais, tais como: partilha de pressupostos de conhecimento, fatos que ocorrem na vida do indivíduo e na vida em sociedade - e dois quais se fala -, subentendidos, fatores esses que contribuem para a intercompreensão, tal como ocorre entre sujeitos-falantes não afásicos. Essas observações levaram-me a escolher como tema para desenvolvimento desta pesquisa o estudo da questão da atribuição de sentido em contextos interativos, a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos, em situações discursivas vivenciadas no CCA por sujeitos afásicos e não afásicos.

³ Domínio da Lingüística que será apresentado mais adiante, na versão enunciativa desenvolvida por MAINGUENEAU.

⁴ Cabe aqui explicitar o conceito de afasia, tendo como posto de observação a Lingüística: "A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação." (COUDRY, 1986/88:5). A afasia afeta um dos níveis lingüísticos - fonético-fonológico, sintático, semântico, ou pragmático - e há repercussão de um nível no outro no funcionamento da linguagem. (COUDRY, M.I.H., 1993, "Neuropsicologia: Aspectos Biológicos e Sociais", In: RODRIGUES, N. & MANSUR, L. - Temas em Neuropsicologia. Série de Neuropsicologia, Volume I, págs. 38-57. SNBp). Também há afasias que afetam a relação da língua com sistemas não verbais, historicamente construídos.

Corpus da Pesquisa: CCA

Breve histórico O CCA foi criado em 1989, num esforço conjunto do Departamento de Linguística e do Departamento de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas. Funciona em uma sede própria no Instituto de Estudos da Linguagem, e se caracteriza como um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas (docentes, alunos de pós-graduação e de graduação em Linguística, Letras e Fonoaudiologia). Do ponto de vista institucional, o CCA - que faz parte do Laboratório de Neurolinguística (LABONE) e a partir de março de 1998 responde por um ambulatório do Hospital de Clínicas - recobre três funções básicas e inter-relacionadas: de *assistência* e apoio a sujeitos cérebro-lesados e suas famílias, de *docência e pesquisa* (relativas à graduação e à pós-graduação na área de Neurolinguística), bem como de *extensão* (por meio de cursos de formação e divulgação). Os afásicos que freqüentam o CCA são acompanhados clinicamente pelo neurologista e neuropsicólogo Prof. Dr. Benito Pereira Damasceno, do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP.

Como é a dinâmica de funcionamento das sessões do CCA?

Os participantes e seus acompanhantes chegam e se reúnem no banco de entrada do prédio do CCA, debaixo de um flamboyant, ou no *hall* de espera, a depender das condições do tempo, onde interagem até que comece a sessão. Entrando na sala de convivência, com a agenda em mãos, se acomodam em torno da mesa, onde há jornais do dia e revistas da semana. A investigadora responsável pelo grupo abre a sessão e os participantes vão se introduzindo na ordem do dia: uns trazem notícias de jornal para compartilhar com o grupo; outros contam fatos de sua agenda/vida; outros ainda trazem sugestões de atividades e oficinas a serem feitas (pintura; cozinha; artesanato; fotografia). Há dramatizações da vida em sociedade, justamente para viver a relação entre processos de significação assentados no sistema verbal e aqueles cujo sentido leva em conta o corpo, a práxis, a percepção; por isso cozinhamos – e comemos – juntos, por exemplo. Há sessões externas: em passeios, exposições, cantinas, padarias. E assim *acontecem - como um espetáculo* - as sessões do CCA, no que segue o conceito de *espetáculo* formulado por FOUCAULT (1977), apud COUDRY (1996), entendendo-se como espetáculo o acontecimento discursivo vivenciado nas sessões do CCA, resultado de relações e de memórias discursivas.

Atribuição de sentido: recursos verbais e não verbais Quais são as evidências percebidas pelos falantes para se entenderem? A leitura do livro “Análise da Conversação”, de LUÍS ANTÔNIO MARCUSCHI foi, ao lado das observações realizadas durante a análise das sessões e fitas de vídeo do CCA, esclarecedora nesse sentido.

MARCUSCHI (1986) ressalta que, durante a interação entre os falantes, a entonação, os gestos, os olhares, as caretas, o riso, os silêncios e os recursos verbais passam a funcionar integralmente, e a conversação, como algo dinâmico, foge a qualquer tentativa de categorização.

Em relação ao CCA, deve-se considerar que existe um pressuposto no grupo - o de que a língua “falada” por eles faz sentido. O todo do enunciado não é perdido, por ser suprido de outras maneiras: são considerados na atribuição de sentidos a processos de significação verbais e não verbais de sujeitos afásicos tanto os aspectos lingüísticos - morfologia, sintaxe, semântica, fonologia e uso (pragmática) quanto os recursos não verbais, como a gesticulação, os meneios de cabeça, os movimentos do corpo, as expressões faciais (de dúvida, temor, alegria *etc.*) e outros, como os aspectos gráficos (pré-alfabéticos).

Em se tratando do interlocutor (investigador), este não é um receptor passivo - como ocorre na aplicação de testes assentados em tarefas essencialmente metalingüísticas - já que lhe cabe atuar *com* e *sobre* a linguagem do afásico (incluindo a entonação, os gestos, as expressões fisionômicas, os movimentos corporais *etc.*) e, deste modo, atribuir sentido ao que *é dito e/ou expresso não verbalmente* e também ao que *pode ser inferido*⁵.

Embora existam gestos mais cristalizados que outros, assim como há recursos lingüísticos mais cristalizados que outros (GERALDI:1990), o sentido de um gesto não é determinado de antemão, é construído, partilhado por uma comunidade de sujeitos falantes, e está sujeito a diferentes interpretações. Os sentidos (verbais e gestuais), portanto, são sempre produzidos, exercidos e interpretados na interação social.

O conceito de dado-achado Os dados em Neurolingüística, genericamente, no que diz respeito à afasia, são obtidos, segundo COUDRY (1996:179), “em circunstâncias clínicas (de avaliação e acompanhamento terapêutico de sujeitos com lesão cerebral, causada por acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos e tumores), mas a *construção dos dados* (ou seja, a delimitação *do que é dado em Neurolingüística*, ou seja, o que é relevante para cada teoria) pode seguir rumos diferentes, incompatíveis ou não”.

As considerações feitas pela autora sobre o estatuto do dado em Neurolingüística delineiam, em princípio, três modos de construção dos dados: *dado-evidência* (primeiro modo), *dado-exemplo* (segundo modo)⁶ e *dado-achado* (terceiro modo). Neste terceiro modo de construção dos dados, o qual interessa a esse estudo, o *dado é achado*, é produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos lingüístico-cognitivos. Essa é uma acepção de Neurolingüística que vem sendo desenvolvida no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, desde a criação da área, no início dos anos 80.

⁵ Em linhas gerais, um significado é inferido pelos participantes de uma conversação quando a interpretação realizada pelo ouvinte vai além do significado *dito* pelo falante.

⁶ Para maiores esclarecimentos ver o artigo de COUDRY: “O que é dado em Neurolingüística?” In Maria Fausta Pereira de Castro (org.), *O método e o dado no estudo da linguagem*, 179-192; Campinas - SP: Ed. da UNICAMP, 1996.

À luz desta formulação teórica em Neurolingüística foram realizadas as análises de dados desta pesquisa, ou seja, com base em *dados-achados*, produzidos em diferentes sessões do CCA (gravadas em vídeo) observadas por mim pelo espelho espião. Os dados analisados nesta pesquisa (vide exemplo pág. 6) são *dados-achados*, auxiliares na formulação teórica que aqui se delinea.

Por uma Neurolingüística orientada discursivamente Os princípios teóricos que orientam as atividades verbais e não verbais desenvolvidas no CCA são motivados por uma Análise do Discurso (AD) – de tendência enunciativa – em que são fundamentais “o lugar da enunciação e o modo de organização textual” (MAINGUENEAU, 1994).

Esta AD é sensível à articulação de outros domínios da Lingüística (pragmática, semântica, sociolingüística *etc.*) na análise de fatos enunciativos. Para tanto, metodologicamente é tomada a decisão de avaliar a linguagem por seu uso social: avalia-se o sujeito, inserido em uma comunidade lingüística (discursiva) e cultural, em meio a práticas significativas *com e sobre* a linguagem (relatos de acontecimentos da vida pessoal, comentários acerca de fatos noticiados - incluindo a montagem de murais com as notícias que mais se destacaram durante o mês), atividades teatrais e de culinária *etc.*, o que coloca o sujeito frente à agenda, jornais, revistas, noticiário, enfim, “frente ao conjunto de atividades a que o sujeito tem sido exposto durante a vida” (COUDRY, 2001).

O conceito de prática discursiva O conceito de *prática discursiva* é tomado de MAINGUENEAU (1989) e diz respeito à reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, a *textual* (verbal) e a *social*, e em cujo trânsito se dá a relação da língua com a cultura, do sujeito com o outro e com o mundo. Do que se fala? Do que acontece, pode acontecer ou não, do que tem importância, do que se diz, do que se ouve *etc.*

Que práticas discursivas são realizadas no CCA? Leitura e comentários das notícias da semana, da vida de cada afásico, das agendas de cada afásico, apresentação de novos integrantes ao grupo, uso de ferramentas eletrônicas (e-mail, internet, ICQ) e exercício da culinária são exemplos de *práticas discursivas* que motivam afásicos e não-afásicos a interagirem verbal e não verbalmente.

Tabela de dados-achados desenvolvida neste estudo Como vimos, esta pesquisa trata da atribuição de sentido em *dados-achados* produzidos em *práticas discursivas* em que, por exemplo, é possível observar o que ocorre quando um sujeito afásico começa a contar uma notícia, a partir de uma ou duas palavras cujo sentido é determinado por fatores contextuais e pragmáticos.

Será, a seguir, explicitado o uso da tabela do BDN - Banco de Dados Neurolingüísticos - em que os *dados-achados* são transcritos e algumas das condições de sua produção são descritas. A forma de organização da tabela procura evidenciar a cena enunciativa entre sujeitos afásicos e não-afásicos, no que diz respeito à atribuição

de sentido, daí a divisão em quatro colunas: Sigla do locutor, Transcrição, Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais, Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais⁷.

A coluna *Sigla do locutor* traz as iniciais de investigadores e afásicos, indicando a alternância de turnos de conversação. A sigla dos investigadores tem a letra I como inicial (que vem de Investigador) e as duas letras seguintes em minúsculo, indicando as iniciais do nome do investigador. A sigla dos afásicos vem em maiúsculas, referindo-se a duas iniciais de seus nomes.

A coluna *Transcrição* retrata o que a pessoa disse, ou tentou dizer. Registra toda manifestação lingüística, incluindo palavras, expressões, falas, segmentos produzidos por afásicos e não-afásicos, e aqueles que não fazem parte do léxico do português. Neste caso utiliza-se da Transcrição Fonética (TF), com base nos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA); a TF aparece entre colchetes - [] - e foi realizada pela pesquisadora. Também aparecem na coluna da Transcrição, entre barras (/), os segmentos ininteligíveis que não puderam ser transcritos. A presença de um colchete - [- antes do enunciado indica que há sobreposição de vozes, e a presença de *//hesitação/ /, //pausa//* indica interrupção/quebra na dinâmica do enunciado por parte do sujeito falante.

A coluna *Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais* traz informações relativas ao modo como se apresenta a enunciação verbal (como a sigla TF, indicando os momentos em que ocorrem Transcrições Fonéticas; tom de voz - indicando afirmação, surpresa, susto *etc.*, e tornando possível uma interpretação mais exata do enunciado-; risos; condições de produção do enunciado, como fala silabada; e explicações acerca da ocorrência de segmentos ininteligíveis, tais como baixa intensidade de voz, sobreposição de vozes). Também aparece a indicação da ocorrência de *prompting*⁸, e da utilização, por parte dos sujeitos afásicos, da escrita⁹, prática realizada desde os primeiros estudos discursivos da afasia (COUDRY, 1986/88; 2002 e FLOSI, 2003¹⁰).

⁷ As notações utilizadas neste estudo seguem as normas de transcrição do Projeto Integrado de Pesquisa: "Contribuições da Pesquisa Neurolingüística para a Avaliação do Discurso Verbal e Não Verbal" (UNICAMP/CNPq: 521773/95-4). São critérios de codificação, propostos e utilizados pelo BDN, que se encontra em andamento, podendo, pois, ocorrerem modificações nesse sistema de codificação, que pela natureza dos dados, tem sido (re)elaborado ao longo do Projeto, ajustando-se a cada pesquisa.

⁸ FEDOSSE (2000) mostra que o *prompting* favorece o (re)conhecimento acústico e visual do gesto fonoarticulatório, podendo ser caracterizado como um procedimento interativo por parte do investigador - que tem como um de seus papéis dar continuidade à interlocução -, que ocorre na forma de um processo complementar por parte do sujeito que manifesta dificuldade com a iniciativa verbal.

⁹ Para uma pesquisa dedicada à escrita no contexto da afasia, ver a Dissertação de Mestrado de ANA PAULA SANTANA (2002) - Escrita e afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia.

¹⁰ A Dissertação de FLOSI mostra o papel da representação escrita da linguagem (desenho e escrita alfabética) e dos gestos/corpo no desencadeamento da linguagem oral de duas pessoas afásicas que acompanhou longitudinalmente - MG e NF - no Laboratório de Neurolingüística (LABONE/IEL/UNICAMP).

A coluna *Observação sobre as condições de produção de processos de significação não verbais* traz informações relativas à linguagem não verbal, tal como gestos, olhares, uso de objetos, enfim, de recursos não-verbais utilizados na enunciação pelos participantes da sessão e que contribuem para a compreensão do enunciado. Tal representação em tabela dos *dados-achados* pode ser “visualizada” no exemplo abaixo:

Dado-achado coletado em sessões (gravadas em vídeo) realizadas no CCA

Data: 12/05/99 – A sessão conta com a presença do pesquisador Dominique Maingueneau, em visita ao Centro de Convivência de Afásicos.

Investigadora: Imc, Iap

Sujeitos: GR, JB, EF, SI, SP

Dado-achado I: O enfermeiro, a UTI e a funerária¹¹

Os participantes apresentam-se a Dominique Maingueneau e comentam com a investigadora as novidades da vida de cada um, as notícias e acontecimentos de destaque durante a semana, veiculados no noticiário escrito e falado. Em meio à conversa, JB¹² tenta contar uma notícia para a investigadora:

Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de não significação verbais
JB	Ah, oh, oh, morreu.		
Imc	Morreu...		
JB	Morreu... ah... //hesitação// UTI		
Imc	Ah! ‘Cês viram aquele horror, daquele...	Tom: surpresa	

¹¹ A análise dos *dados-achados* foi revisada e acrescida de descrições e informações, após a leitura de dois artigos de SCHEGLOFF (sugerida pelo Prof. Dr. Rodolfo Ilari): “*Analyzing Single Episodes of Interaction: An Exercise in Conversation Analysis*” e “*On some gestures relation to talk*”.

¹² JB é um senhor de 53 anos, que em 21/05/93 sofreu um AVC isquêmico cujas conseqüências foram uma hemiplegia proporcionada à afasia do tipo motora (afasia de Broca), caracterizada por parafasias semânticas e fonológicas, com dificuldades de encontrar palavras. Passou a frequentar o CCA em setembro de 1993.

Imc	Foi no Rio de Janeiro?		
Imc	No Rio ou em São Paulo?		
JB	São Paulo.		
Imc	Aquele enfermeiro... que que ele fazia?		Faz o gesto de injetar uma seringa no braço.
JB	Injetada.		
Imc	Injetada uma substância, não sei o que era, que apressava a morte de pessoas que estavam em estado grave, é isso, JB?		
JB	Eh, eh...		
Imc	Pra que ele fazia isto?		
JB	Morreu...		
Imc	Mas que... Por que, qual era o negócio dele?		
EF			Faz o gesto de dinheiro.
Imc	Isto, mas com quem? Fu...	A investigadora dá o <i>prompting</i> para Funerária	
EF	Funerária		
Imc	Ele tinha negócio com uma funerária. A funerária... é a miséria humana completa. Ele era enfermeiro de um hospital. É isto? Aí... a funerária.	Tom: indignação	
JB	Pagava.		
Imc	Era... //hesitação// acho que 80 reais pra pacientes terminais e traumatizados por acidentes, era muito mais, era o dobro. Traumatizados era mais. Aí a faxineira do... a faxineira que descobriu que durante o plantão dele... o que acontecia?	Tom: Indignação	

JB	Morreu...		
Imc	Morriam mais pessoa... aí ela descobriu. A faxineira, quer dizer, os dirigentes do hospital nada descobriram. A faxineira percebeu que morria mais gente durante o plantão dele. E aí ele fala, né, vocês viram o depoimento dele? Ouviu isto SI? Não viu? GR viu?	Tom: Indignação	
GR			Faz gesto afirmativo com a cabeça
Imc	Uma cara de maluco.		

Fonte: Banco de Dados em Neurolinguística - BDN - Projeto Integrado/CNPq: 521773/95-4

No episódio interativo acima, o conhecimento de mundo compartilhado pela investigadora e por JB, assim como a utilização de gestos por Imc, EF e GR atuam em conjunto e possibilitam a interpretação imediata do enunciado de JB. Tal conhecimento de mundo, neste *dado-achado*, refere-se ao fato de que tanto JB quanto Imc haviam assistido, na véspera, ao Programa do Fantástico - TV Globo, em que apareceu a notícia do enfermeiro que matava pessoas porque tinha um “negócio” com uma Funerária, promovendo o processo de atribuição de sentido.

JB, mesmo contando a notícia com poucas palavras “Ah, oh, oh, morreu”, com a participação da investigadora consegue, apesar da dificuldade, dar continuidade a seu relato “Morreu... ah... UTI”, “São Paulo”, “Injetava”, “Pagava” e se fazer compreender rapidamente pelos interlocutores que tinham conhecimento da notícia: Imc e EF (que tendo uma afasia que afeta a produção verbal, manifesta-se fazendo o gesto de dinheiro, ou seja, *mostrando* o dinheiro que o enfermeiro ganhava da Funerária, e *dizendo*, com ajuda do *prompting*, “Funerária”).

É possível observar no *dado-achado* acima, que os gestos podem substituir, acompanhar e/ou relacionar linguagem e percepção de sujeitos afásicos e não-afásicos, como se dá (i) quando a investigadora Imc faz o gesto de injetar uma seringa no braço, ao mesmo tempo em que pergunta o que o enfermeiro fazia; (ii) quando EF faz o gesto de dinheiro, procurando explicar qual o negócio que o enfermeiro tinha; e (iii) quando GR faz um gesto afirmativo com a cabeça, confirmando que tinha conhecimento da notícia.

A participação do investigador/interlocutor se caracteriza por administrar a dinâmica da conversação, cujas regras são culturalmente inscritas, por um lado, e, por outro, construídas e vivenciadas por esse grupo em particular: são respeitados os silêncios, as pausas, o tempo que o afásico pode demorar para falar, as interrupções de

discursos mais longos que possam atrapalhar o andamento da sessão. Além disso, provoca-se a fala dos afásicos, dá-se alternativas dentre as quais o afásico poderá escolher *etc.*

Por que essa dinâmica? Interessa a esta pesquisa a linguagem exercida na interação recíproca dos interlocutores nas diversas situações discursivas em que se envolvem, e a tarefa interpretativa consiste em lidar com o conjunto de fatores que atuam na construção do sentido e com o *intuito discursivo* expresso, parcialmente, na enunciação.

Perspectiva teórica: linguagem e língua Para explicitar a *concepção de linguagem* adotada neste estudo toma-se como ponto de partida a concepção de linguagem descrita em FRANCHI (op. cit.): “Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos ‘cortes’ metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias”.

Característica essencial dessa concepção de *linguagem* é sua natureza indeterminada, o que significa considerar que as expressões lingüísticas não carregam em si todos os elementos necessários a sua interpretação. O sentido não é dado previamente; ao contrário, depende de uma série de fatores: contextuais, históricos, culturais, lingüísticos *etc.* É, pois, enquanto discurso, ou seja, envolvendo um conjunto de fatores lingüísticos, contextuais e intersubjetivos, que a significação é possível.

Cabe por essa concepção de linguagem, portanto, estudar a significação como construída pelos interlocutores, através de um conjunto de fatores convergentes (sem deixar, entretanto, de incluir entre esses fatores os valores cristalizados culturalmente em sua própria linguagem). Seguindo essa tradição de incorporar a Lingüística nos estudos de patologia da linguagem, a questão da atribuição de sentido torna-se relevante como pesquisa para a área de Neurolingüística de nossa Universidade.

A língua, no interior desta concepção de linguagem aqui adotada, é vista como um sistema que comporta variações e formas mais ou menos adequadas de uso. Os recursos expressivos de uma *língua*, portanto, se descontextualizados, são ambíguos, polissêmicos e insuficientes para que a interpretação aconteça, daí a importância do trabalho *com e sobre* a língua realizado pelo sujeito, tornando-se “autor” (a noção de autoria é tomada de FOUCAULT: 1996¹³) de seus enunciados, o que deve ser

¹³ Em *A Ordem do Discurso*, Foucault entende o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. O autor é aquele que dá à

compreendido levando-se em conta os condicionamentos histórico-ideológicos a que os sujeitos estão expostos. A língua resulta, portanto, de um trabalho coletivo e histórico, de uma experiência que se reproduz e se perpetua. POSSENTI (1995), baseado em PÊCHEUX e FUCHS (1975), resume bem essa posição: “as formas lingüísticas não subsistem separadas de fatores culturais, ideológicos, históricos”.

Esta pesquisa, também, partilha da concepção de *língua* de GERALDI (1991:12), que a define como uma sistematização aberta, constituída pelo trabalho lingüístico ininterrupto dos sujeitos falantes, que convivem com duas exigências contrárias, “uma tendência à diferenciação, observável a cada uso da expressão” – a novidade que cada sujeito falante confere à sua enunciação – e uma “tendência à repetição, pelo retorno das mesmas expressões com os mesmos significados presentes em situações anteriores” – o já-dito por muitas pessoas.

Para recusar a aplicação na afasia de dicotomias como a de língua e fala, e de uma concepção de linguagem baseada no conceito de código¹⁴, citam-se quatro aspectos inter-relacionados que caracterizam esta pesquisa: o da linguagem como uma ação sobre o outro, o das relações das expressões com determinadas situações de fato, o das marcas do sujeito na produção e interpretação do sentido (marcas da subjetividade na linguagem) e o de fatores não explícitos que atuam na produção e interpretação do sentido.

A concepção abrangente de linguagem originada em FRANCHI (op. cit.), adotada por este estudo, inclui, portanto, além da própria língua, a dimensão social e contextual em que se dão as interações entre as pessoas de uma dada comunidade lingüística e a atividade do sujeito falante, o trabalho lingüístico-cognitivo que ele exerce a cada enunciado e que atravessa o curso de sua própria língua.

Importância de tal estudo para o sujeito afásico À afasia, que decorre de lesão cerebral adquirida por sujeitos até então “normais” do ponto de vista de sua capacidade de utilizar a linguagem para propósitos variados, podem estar associados sinais neurológicos, como paresias ou paralisias, e psíquicos, como alterações da atividade gestual (as apraxias) ou da percepção (as agnosias). A afasia altera a linguagem, tanto

inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. Segundo Foucault, o princípio do autor limita o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*.

¹⁴ Ver SAUSSURE:1916. Essas dicotomias se inscrevem num quadro teórico-metodológico cuja concepção supõe a regularidade e “normalidade” dos processos lingüísticos: a língua é, nesse sentido, um “objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos de linguagem”. No entanto, reduzir as questões de linguagem que afetam a afasia à dicotomia língua/fala, formulada por SAUSSURE e realizada com outros propósitos, é perder inúmeros processos envolvidos na construção da significação (o conjunto das pressupões de fato, o conhecimento mútuo, condições objetivas da situação imediata, a imagem recíproca que fazem os interlocutores *etc.* que se incluem nas condições de produção do discurso).

oral como escrita, em termos de processos de significação¹⁵, tanto verbais quanto não-verbais, repercutindo em todos os aspectos da vida do sujeito afásico e das pessoas que convivem diretamente com ele.

Assim, a maneira como se lida social e subjetivamente com a afasia condiciona, de certa forma, a sorte dos que com ela convivem. Qualquer que seja o cenário, ele acaba por influenciar fortemente o processo de recuperação da linguagem ou a possibilidade de adaptação ou reinserção sócio-ocupacional dos sujeitos afásicos. E a presença do investigador (interlocutor)¹⁶ é de fundamental importância para a “recuperação” da linguagem pelo afásico. A situação interativa redimensiona a ação do sujeito *com e sobre* a linguagem, trazendo novos elementos para a situação discursiva que não seriam possíveis sem a sua presença: confirmações, questionamentos, relações, informações, esclarecimentos *etc.*

Condições de recuperação da afasia e sua repercussão na vida do sujeito afásico A qualidade dessas tentativas, descobertas, trabalhos que o sujeito faz *com e sobre* a língua pode indicar o que de patológico existe e o que é próprio da linguagem em qualquer condição.

Nesse sentido, as atividades coletivas desenvolvidas no CCA criam condições para que o sujeito cérebro-lesado coloque sua linguagem em funcionamento, por meio das mais diferentes *práticas discursivas*. Tais atividades mostram, por meio de uma dinâmica particular, o modo como o sujeito afásico enfrenta (ou não) suas próprias dificuldades e como reage frente à dificuldade dos outros sujeitos, além de expor alternativas e soluções das quais se serve nas interlocuções de que participa. Como exemplo, tem-se o recorte de parte do enunciado do interlocutor para a construção de seu próprio enunciado, mecanismo que pode ser utilizado pelo afásico nas *práticas discursivas* em que se envolve¹⁷.

As situações interativas vivenciadas no CCA, em que se dá o processo de atribuição de sentido a processos verbais e não-verbais de sujeitos afásicos (que esta pesquisa estuda), constituem, portanto, um espaço fundamental de reconhecimento de que a linguagem se apresenta em funcionamento na afasia, possibilitando ao afásico a melhora de seu quadro clínico.

¹⁵ Exemplos de processos alternativos de significação, de natureza verbal, podem ser encontrados em Coudry, 1986/88, às págs. 153, 154, 182, 183.

¹⁶ O investigador é um interlocutor privilegiado, por ser um Linguísta, um especialista em afasia, pesquisador e professor da área de Neurolinguística.

¹⁷ Tais atividades diferem, como indica COUDRY (1986/88), daquelas adotadas pelo ponto de vista tradicional que toma a língua como código, a fala como ato fisiológico, o discurso como uma seqüência hierárquica de palavras e sentenças, a linguagem como conduta verbal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDINI, M.B.G. (1991). *Notas sobre a questão da inferência*, Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- BAKHTIN, M. (1992). *Estética da Criação Verbal*, 289-326, São Paulo: Martins Fontes.
- BENVENISTE, E. (1976). *Problemas de Linguística Geral*, São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- COUDRY, M.I.H. & POSSENTI, S. (1983). "Avaliar Discursos Patológicos", In *Cadernos de Estudos Lingüísticos 5*; 99-109, Campinas - SP: UNICAMP/IEL (Setor de Publicações).
- COUDRY, M.I.H. (1986/88). *Diário de Narciso: discurso e afasia*, São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2001). "A linguagem em funcionamento na afasia", In *Letras de hoje*, v. 36, n. 3; 449-55.
- _____. (1997). "10 anos de Neurolingüística no IEL", In *Cadernos de Estudos Lingüísticos 32: Neurolingüística*, 9-23; Campinas - SP: UNICAMP/IEL (Setor de Publicações).
- _____. (2002). "Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolingüística", In *Cadernos de Estudos Lingüísticos 42: História das idéias lingüísticas*, 99-129; Campinas - SP: UNICAMP/IEL (Setor de Publicações).
- _____. (1995). "Neurolingüística e Lingüística", in Benito Damasceno & Maria Irma Hadler Coudry (editores), *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística*. Série de Neuropsicologia - Volume IV, 12-19, SBNp, São Paulo: Tec Art.
- _____. (1996). "O que é dado em Neurolingüística?" In Maria Fausta Pereira de Castro (org.), *O método e o dado no estudo da linguagem*, 179-192; Campinas - SP: Ed. da UNICAMP.
- FLOSI, L. (2003). *A Relação Dinâmica da Linguagem Oral com a Escrita e Gestos na Afasia*, Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- FOUCAULT, M. (1996). *A ordem do discurso*, São Paulo: Edições Loyola.
- FRANCHI, C. (1992). "Linguagem – Atividade Constitutiva", In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos 22*; 9-39; Campinas - SP: UNICAMP/IEL.
- GERALDI, J.W. (1991). *Portos de Passagem*, São Paulo: Martins Fontes.
- KOCH, I.V. (1995). *A Inter-ação pela Linguagem*, 2ª edição, São Paulo: Ed. Contexto.
- MAINGUENEAU, D. (1989). *Novas tendências em análise do discurso*, tradução Freda Indursky, Campinas - SP: Pontes Editores.
- _____. (Sem título), Comunicação realizada no I Congresso Internacional da ABRALIN, Salvador - BA, 1994.
- MARCUSCHI, L.A. (1986). *Análise da Conversação*, São Paulo: Ática.